

Andeir Pereira Arantes Neto

**Uma análise comparativa entre o realismo e o National
Security Strategy 2002**

UniCEUB

Brasília – 2011

Andeir Pereira Arantes Neto

Uma análise comparativa entre o realismo e o National Security Strategy 2002

Monografia apresentada
como pré-requisito de conclusão do curso de
Relações Internacionais do Centro Universitário
de Brasília, tendo como orientador o professor
Dr. Delmo de Oliveira Arguelhes.

UniCEUB

Brasília – 2011

Resumo

Este estudo é baseado no documento *National Security Strategy* 2002. Onde é feita uma análise comparativa, que usa como referência a corrente de pensamento realista de relações internacionais, para apontar as divergências e convergências com as teorias apresentadas. Dessa forma foi feita pesquisa bibliográfica para identificar os conceitos, os autores e o contexto histórico.

Abstract

This study is based on the document *National Security Strategy* 2002. It is made a comparative analysis between the realist theories of international relationship studies to show divergence and convergence with the presented theories. To identify the theories, authors, historical context was made a bibliographic research.

SUMÁRIO

Introdução

1. Pós Guerra Fria

1.1 O Defense Planning Guidance	8
1.2 Bill Clinton	8
1.3 A oposição ao governo Clinton	10
1.4 Guerra do Kosovo	10
1.5 Pressões da direita sobre Clinton	11
1.6 A Colômbia	12
1.7 A economia dos EUA na década de 1990	13
1.8 A política de Clinton	13
1.9 A eleição de George W. Bush	14
1.10 Início do Governo Bush	15
1.11 George W. Bush	16
1.12 O ataque ao World Trade Center	17

2. O realismo

2.1 O realismo	19
2.2 O realismo clássico	20
2.3 Conceitos do pensamento realista contemporâneo	22
2.4 A crítica de Carr ao realismo	23
2.5 Teorias críticas	24
2.6 Críticas de Robert Cox	24
2.7 Crítica de J. Ann Tickner	25
2.8 Outras Críticas	26

3. O National Security Strategy 2002

3.1 Definição do National Security Strategy	27
3.2 A introdução do National Security Strategy	28
3.3 Uma visão geral sobre a estratégia internacional dos EUA	28
3.4 Grandes aspirações para dignidade humana	29
3.5 Fortalecendo alianças para derrotar o terrorismo global e trabalhar para prevenir ataque contra nós e nossos amigos	30
3.6 Trabalhar com outros para solucionar conflitos regionais	31
3.7 Prevenir a ameaça dos inimigos dos EUA aos nossos aliados, aos amigos dos EUA com armas de destruição em massa e ao próprio EUA	33
3.8 Iniciar uma nova era de crescimento global econômico por meio de mercados e trocas livres	34
3.9 Expandir o círculo de desenvolvimento abrindo sociedades construindo a infra-estrutura da democracia	35
3.10 Desenvolver agendas para ações de cooperação com outros grandes centros de poder global	36
3.11 Transformar as instituições de segurança norte americanas para que conheçamos desafios e as oportunidades do século XXI	37
3.12 Análise	

Conclusão	40
------------------------	----

Referências	42
--------------------------	----

Introdução

Com o colapso do sistema econômico e político socialista da União Soviética no fim da década de 1980, sistema político baseado nas produções de Marx e Engels que deveria ser um sistema para a distribuição de riquezas onde a relação entre explorador e explorado fosse abolida. Tornou a Rússia herdeira jurídica da União Soviética conservando quase todo seu poderio militar e surgindo em meio a uma profunda crise. Perdeu domínio sobre os Estados do Leste-Europeu como também sobre Estados do Báltico e da Ásia Central que antes integravam a extinta União Soviética.

Nos Estados Unidos o fim da guerra fria gerou a necessidade de se criar uma justificativa para manter a vasta estrutura militar criada a partir de 1947 com aliança a outros países para deter o avanço do comunismo internacional. Trilhões de dólares foram gastos para produzir a máquina de guerra norte americana com armas nucleares, assistência militar a outros países, coleta de inteligência, preparação civil e pesquisa militar.

Com o fim da guerra fria havia a expectativa de que os gastos militares poderiam ser pelo menos reduzidos à metade nos anos seguintes. Porém em 20 de dezembro de 1989 o presidente George H. Bush criou a *Operation Just Cause* contra o narcotráfico e manteve o nível dos gastos militares. Essa foi a maior operação militar desde o Vietnã. O Objetivo era intervir no Panamá por causa do tráfico de drogas. Na operação o chefe de governo do Panamá, General Antônio Noriega, foi preso acusado de tráfico de drogas.

Entretanto tem sido apontado que o principal motivo para a intervenção no Panamá era o controle da zona do canal do Panamá. Curiosamente, com exceção de uma, todas as outras acusações eram relacionadas a atividades anteriores a 1984 quando ele ainda trabalhava para a CIA na guerra contra o governo da Nicarágua, servindo satisfatoriamente ao interesse do governo dos EUA.¹

O fim da guerra fria apontou também a revolução Islâmica no Irã e o terrorismo internacional começava a despontar no discurso de governantes norte-americanos como novo inimigo no lugar do comunismo internacional com o fim de justificar aumentos nos gastos com defesa. Paralelamente instituições americanas criam novo conceito para

¹ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

alguns Estados, chamando-os agora de *rogue states* (Estados Irresponsáveis) associando-os com o terrorismo internacional.^{2 3}

Logo no começo da década de 1990 os Estados Unidos se envolveram na guerra do Golfo ao lado do Kuwait contra o Iraque. O marco do início é quando o presidente iraquiano Saddam Hussein acusou o Kuwait de causar a baixa nos preços do petróleo e retoma antigas questões de limites territoriais. Em 2 de agosto tropas iraquianas invadiram o Kuwait e começaram o conflito com o objetivo de controlar os campos de petróleo do Kuwait seis dias depois o Iraque anexa o Kuwait ao seu território.

Em seguida o conselho de segurança condenou a ação e impôs boicote comercial, financeiro e militar ao Iraque. Em resposta Saddam Hussein decidiu declarar a anexação do Kuwait como 19ª província do Iraque.

Em 15 de janeiro de 1991 com a participação da Grã-Bretanha, Itália e França e assentimento da URSS foi desencadeada a *Operation Desert Storm*. O nome escolhido era pra assimilar com o que se tornaria uma verdadeira chuva de munição sobre a cabeça dos inimigos iraquianos.

A operação foi dividida em quatro fases. A primeira consistia em atacar a infraestrutura de Bagdá concentrando no sistema elétrico, instalações de comunicações, dos radares iraquianos e nas instalações das lideranças militares. Na segunda fase atacaria a força aérea iraquiana no Kuwait e pontes, portos e estradas de ferro no Iraque. Na terceira fase os alvos seriam a guarda republicana de Saddam e alvos de armamentos remanescentes. Por fim, na quarta e última fase um ataque por terra terminaria de expulsar os iraquianos do território do Kuwait.

O resultado da operação Tempestade no Deserto foi de 358 mortos militares e 776 feridos pela aliança liderada pelos americanos. No lado iraquiano, diversas fontes variam entre vinte mil e duzentos mil mortos. Em 28 de fevereiro o presidente George H. Bush anuncia um cessar fogo, 100 horas após o início da operação. Entretanto o reconhecimento oficial pelo Iraque aconteceu em abril, algumas semanas após o cessar fogo. Ao aceitar o cessar fogo acaba sofrendo duas sanções econômicas por não entregar seu armamento químico bacteriológico.

No Pentágono alguns funcionários civis não se conformaram com a decisão do presidente americano de não avançar no território iraquiano e derrubar o governo de

² BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

³ Terror, como expressão, tem de modo vago o significado de usar a violência como arma política tanto para a repressão como para a revolução com o objetivo de gerar sentimento de pavor e atemorizar os adversários.

Saddam Hussein. Essas pessoas ficaram conhecidas como Falcões, *neocons* (Neoconservadores) ou a extrema-direita radical.

Esses funcionários representavam os interesses da indústria especializada em armamentos localizada principalmente no Texas, Missouri, Flórida, Maryland, e Virgínia. Considerada a região mais beneficiada durante a Guerra-Fria em termos econômicos.

Os interesses defendidos por eles eram a antecipação dos ataques com base na presunção de que o inimigo poderia atacar primeiro (*preemptive attacks*) e pressionavam a administração no sentido de ampliar o uso das armas nucleares, a fim de garantir a superioridade militar dos Estados Unidos e exercer influência econômica, política e estratégica em todo o mundo. Julgavam ainda que deveriam usar o poderio bélico e impor pelas armas o *american way of life*. Aproveitando a oportunidade de não mais existir a União Soviética.⁴

Esse estudo apresenta uma análise sobre uma possível relação entre a corrente acadêmica realista de relações internacionais e o documento, produzido pelo poder executivo dos Estados Unidos, *National Security Strategy* 2002. A questão abordada é apontar se existe alguma relação do documento com as teorias e como os conceitos das teorias da corrente realista seriam apresentados no documento.

Para fazer a análise foi feita pesquisa bibliográfica sobre o contexto histórico da produção do documento. Na identificação dos conceitos da corrente realista foi feita, também, uma pesquisa bibliográfica com identificação de autores reconhecidos como participantes da corrente realista.

Em primeiro lugar é apresentada a contextualização histórica, partindo do fim da guerra fria, com alguns aspectos históricos que de alguma forma poderiam estar relacionados com a produção do documento. Em seguida é apresentada a corrente realista apontando os conceitos e os autores dessa linha de pensamento, bem como, os limites e as críticas que limitam essa forma de pensar.

Por fim é feita uma síntese de cada capítulo do documento com uma análise de como os conceitos do pensamento realista poderiam ser vistos ou interpretados.

⁴ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

1. Pós Guerra Fria

1.1 O *Defense Planning Guidance*

Em 1992 o secretário de Defesa Dick Cheney emitiu um documento conhecido como *Defense Planning Guidance* (DPG). O documento definia que o principal objetivo político e militar dos Estados Unidos, após a Guerra-Fria, era prevenir o surgimento de um novo rival e impedir que qualquer força hostil dominasse uma região em que os recursos estariam sobre controle consolidado e seriam necessários para gerar um poder global.

Outros trechos avisavam: os Estados Unidos devem manter os mecanismos de detenção de potenciais competidores de sequer aspirarem um maior espaço regional. Além de intervir em conflitos regionais, promover o respeito à lei internacional, limitar a violência internacional, promover a expansão das formas democráticas de governo e abrir os sistemas econômicos. Ainda no DPG outros objetivos eram traçados como impedir a proliferação de armas de destruição em massa, a ameaça do terrorismo aos cidadãos norte americanos e o narcotráfico.⁵

O presidente George H. Bush acabou não implementando, oficialmente, as idéias do DPG defendida pelos *neocons*⁶ que desejavam que os Estados Unidos se tornassem um policial mundial. O presidente se demonstrou ser mais a favor da formação de blocos econômicos regionais incentivando, por exemplo, o NAFTA.⁷

1.2 Bill Clinton

Apesar do sucesso do governo Bush em expulsar do Kuwait as forças iraquianas de Saddam Hussein, Bush não foi reeleito. Aparentemente a crise econômica na qual passava os Estados Unidos pesou mais na hora de decidir o futuro presidente. Portanto George H. Bush foi sucedido na presidência por William J. Clinton. Permanecendo no cargo de 1993 a 2001, reeleito uma vez.

Bill Clinton ao entrar no governo deparou-se com um déficit fiscal enorme, grande parte motivada pelos gastos com defesa. A maior fatia dos gastos de defesa se destinava a manter a infra-estrutura militar criada durante a Guerra Fria e já não se justificava por não mais existir uma ameaça socialista que deveria ser contida. O

⁵ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

⁶ Partidários da extrema-direita radical.

⁷ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

governo de Bill Clinton percebera que os gastos militares durante a Guerra Fria reduziram os fundos do governo para planos domésticos. O que acabava distorcendo a economia para projetos não produtivos.

Na política externa Clinton não modificou muito do governo de George H. Bush e optou pelo multilateralismo positivo (*assertive multilateralism*). Este contém como principal característica o uso da força armada caso a diplomacia coercitiva não obtivesse resultado, porém eram decisões alinhadas com outros países das Nações Unidas. Segundo os *neocons*, esses Estados não sofriam distinção entre regimes democráticos e tiranias.

Durante algumas declarações autoridades estadunidenses deixavam claro que o uso da diplomacia não era algo útil para grandes potências. O uso de força seria suficiente para atingir as metas desejadas.

O governo de Bill Clinton pode ser lembrado também pelas intervenções humanitárias. Vale citar cinco dessas intervenções que recebem grande crítica que são: a intervenção no colapso do Estado da Somália, intervenção no Kuwait com a tentativa de derrubar Saddam Hussein no Iraque, forma de proteção da população civil em Ruanda, intervenção do golpe militar no Haiti e a tentativa de controlar a crise dos Balcãs.

No comércio internacional Clinton aumentou os esforços para estabelecer acordos econômicos e comerciais, de modo que a balança comercial norte americana pudesse obter superávits e compensar déficits nas transações com a Europa, China e Japão. Os acordos da Rodada do Uruguai, concluída em 1994 no âmbito do GATT com a criação da Organização Mundial do Comércio, impulsionaram a desregulamentação da economia e abolição ou flexibilização dos monopólios estatais.

Paralelamente aos acordos comerciais Bill Clinton expandia acordos militares. Para poder justificar a manutenção das forças da OTAN além de negociar a sua expansão para os países do leste europeu que antes participavam do pacto de Varsóvia.

Na primeira etapa, em 1997, foram incluídas Polônia, República Tcheca e a Hungria. O objetivo era ampliar a OTAN para o Mar Báltico e o Mar Negro incorporando todos os países da Europa Central e do Leste. Naturalmente a ampliação implicaria no aumento dos gastos o que era boa oportunidade de negócios para a indústria bélica americana de aumentar a venda de armamentos.

Ainda na administração de Clinton a indústria bélica aumentou as exportações direcionando a venda de novos armamentos incluindo aviões de caça, principalmente para Israel. Essa militarização não tem apenas aspectos políticos, mas tem aspectos econômicos também, pois o aumento das exportações levaria em uma manutenção dos empregos e na diminuição do grande déficit deixado pelo governo anterior.

Em junho de 1997, um grupo composto por Jeb Bush (Governador do Texas), Dick Cheney, Francis Fukuyama, I. Lewis Libby, Paul Wolfowitz, Donald Rumsfeld e

outros *neocons* lançaram o *Project for the New American Century*. Esse projeto previa o aumento dos gastos com defesa com o fortalecimento dos vínculos democráticos e desafio aos regimes hostis aos interesses e valores americanos; Promoção da liberdade política em todo o mundo; Extensão e preservação de uma ordem internacional amigável a segurança prosperidade e princípios americanos.⁸

1.3 A oposição ao governo Clinton

Em janeiro de 1998 Hillary Clinton, esposa de Bill Clinton, afirmou que havia uma grande conspiração contra Clinton desde o dia em que ele anunciou sua candidatura à presidência. O partido republicano apontou que a principal sustentação financeira da oposição partia de Richard Mellon Scaife por meio de instituições reconhecidas como conservadoras. Mellon doara enormes contribuições para organizações não governamentais conhecidas como *think tanks*⁹ fazem pesquisas sobre políticas de econômicas, social, externa, industrial, estratégica, científica, tecnológica e até militar. Tais instituições tinham e tem grande papel na mídia e faziam oposição ao governo Clinton. Essa rejeição acontece porque o presidente não estava defendendo os interesses de tais instituições.¹⁰

Havia também a oposição ao governo por parte dos *New Right Republicans* (novos republicanos de direita). Um dos pontos de desacordo era que o presidente defendia os progressos econômicos, sociais e de justiça ambiental. Já os republicanos de direita estavam a favor de que a saúde e o poder estivessem concentrados nas mãos das pessoas certas.¹¹

1.4 Guerra do Kosovo

Na Iugoslávia, em 1998, aumentou a tensão entre guerrilheiros separatistas de origem albanesa e o governo. Esses guerrilheiros, conhecidos como Exército de Libertação do Kosovo aumentaram os ataques ao governo iugoslavo passando a controlar regiões dentro da Iugoslávia. Apesar do decreto de cessar-fogo do presidente da Iugoslávia, Slobodan Milosevic, os ataques não diminuíram.

⁸ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

⁹ Institutos de pesquisas.

¹⁰ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

¹¹ Idem

Nas negociações de paz da OTAN lideradas pela França, foi sugerida a autonomia de Kosovo e a retirada das forças Sérvias e a presença de tropas de paz da OTAN para intermediar as negociações (Algo curioso a ser destacado é que a situação do Kosovo não foi discutida pelo conselho de segurança da ONU e especula-se que seria por que nem a China e nem a Rússia aceitariam o início do conflito). A proposta da OTAN era de que a Iugoslávia reconhecesse a independência do Kosovo e aceitasse a presença de forças de paz da OTAN. Contudo as partes não entram em acordo e em março de 1999 é iniciada a Guerra de Kosovo.

Com setenta e nove dias intensos de bombardeios da OTAN ao governo iugoslavo (Durante os bombardeios foram usadas bombas de urânio empobrecido e testes mais tardes revelaram que a radiação da região estaria pelo menos 25% mais alta do que o normal, aumentando a crise humanitária já existente da região). Milosevic entra em acordo com a OTAN de aceitar a entrada de uma força de paz no território de Kosovo e aceita retirar todas as suas tropas do Kosovo. Com o fim da guerra a ONU instalou um governo provisório e milhares de albaneses refugiados voltaram para o Kosovo e outros milhares de Sérvios saíram do Kosovo com medo de represálias.¹²

Em 2008 os Estados Unidos reconheceram a independência do Kosovo, mas sua soberania não é amplamente reconhecida por Estados como a Rússia e Espanha, pois o seu território ainda é reivindicado pela Sérvia.^{13 14}

1.5 Pressões da direita sobre Clinton

Em meio a pressões de impeachment contra Clinton, gerado por causa do caso com Monica Lewinski. Dentro dos EUA aumenta a pressão política pela direita para que Clinton invadisse o Iraque e colocasse um fim ao regime de Saddam Hussein. O principal argumento da direita era de que o Iraque possuía armas de destruição em massa por isso representava uma ameaça à comunidade internacional.

Nesse meio, em 1998, Clinton assina o *Iraq Liberation Act*. O ato tinha o propósito de mudar o regime de governo do Iraque, alterando para uma democracia unilateralmente. Este ato ignora o sistema de Estados criado na paz de Vestfália em que os princípios de Estado nação e Soberania foram criados. Por que o ato defendia a

¹² BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

¹³ Idem

¹⁴ Ainda existem especulações sobre os motivos que levaram os EUA a entrar no Kosovo por meio da OTAN. As especulações seriam de que o território do Kosovo seria estratégico para a defesa e transporte do petróleo explorado na região e que seria conveniente destruir arsenais ultrapassados por meio de bombardeios sem emprego de infantaria tendo em vista o prejuízo político para o governo dos EUA.

intervenção direta no Estado Iraquiano sem o consentimento do governo. Portanto Clinton demonstra ceder às pressões da direita.¹⁵

Em dezembro de 1998, durante uma inspeção de uma comissão especial das nações unidas parte da equipe não foi autorizada a entrar em um edifício que não estava previsto para ser inspecionado, mas que a comissão desejava ter acesso. A permissão não foi dada, por parte do governo, resultando no aumento da tensão e gerando um impasse. Em resposta a não autorização da inspeção o governo norte americano ataca por meio de um bombardeio sem sequer comunicar ao conselho de segurança previamente.

Apesar de França, China e a Rússia se oporem a ações militares contra o governo de Saddam Hussein, Clinton manteve os ataques e lançou a operação *Desert Fox*, às vésperas do julgamento do seu impeachment.

Durante a operação *Desert Fox* foram atingidos alvos civis como residências, hospitais e laboratórios da Universidade de Bagdá. Com toda a destruição causada pelo bombardeio não foi evidenciada nenhuma arma de destruição em massa e as inspeções das nações unidas foram encerradas.

Apesar de aceitar e assinar o ato Clinton agiu de forma diferente da que os conservadores gostariam. Pois a vontade deles era uma intervenção unilateral à qualquer custo e Clinton demonstrava estar à favor da intervenção caso houvesse apoio de outras nações.

Em 1999 a secretária norte-americana Madeleine Albright iniciou uma campanha para tentar conquistar apoio de outras nações no projeto de mudança do governo iraquiano para uma democracia. Porém não conseguiu suporte. O conselho de segurança das nações unidas se demonstrou contra o projeto além dos Estados Árabes pondo fim as pretensões de transformar o Iraque em democracia.¹⁶

1.6 A Colômbia

Ainda em 1999 as atenções dos EUA voltaram se para a América do Sul. A preocupação era o aumento da força das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, ou FARC, e a ameaça que poderia apresentar para o canal do Panamá.¹⁷

¹⁵ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

¹⁶ Idem

¹⁷ Têm sido dito que as Farc não representariam ameaça para o canal e que esse discurso seria usado apenas como um pretexto para uma ação militar na região.

Sem suporte na região a intervenção não foi efetuada e foi lançado o Plano Colômbia que previa um investimento para os próximos cinco anos com o objetivo de financiar culturas alternativas as da coca e fomentar o desenvolvimento econômico da Colômbia.

Em 1997 na Colômbia as FARC dominavam praticamente metade do território nacional. O governo colombiano com a ajuda do governo estadunidense iniciou uma escalada de violência no interior fazendo com que cerca de setecentas mil pessoas abandonassem seus lares e aumentando a quantidade de refugiados que aproximadamente atingira um milhão e meio de pessoas nas redondezas de Bogotá.

No mesmo período a Colômbia enfrenta uma crise financeira diminuindo o PIB e a dívida externa aumenta em quase o dobro chegando a representar metade de todas riquezas que o país produz.¹⁸

Essas condições já existiam antes da década de 1990, porém foram agravadas com as reformas liberais feitas pelos governos eleitos democraticamente. As conseqüências nas quais a Colômbia passa são as mesmas que afetam outros Estados do continente Sul Americano. A dívida externa do continente foi estimada em setecentos e cinquenta bilhões de dólares no fim da década de 1990.

1.7 Economia dos EUA na década de 1990

Em ritmo oposto a economia norte americana da década de 90 com o governo Clinton que saíra de uma recessão conseguiu expandir-se durante os oito anos de governo. Os principais investimentos foram na área de tecnologia da informação garantido o crescimento. Os resultados do desempenho da economia foram: a redução da taxa de desemprego e redução no número de greves. Contudo o crescimento não foi distribuído pela população. Os Estados Unidos tinham a taxa mais alta de desigualdade social entre as potências industriais.

Em seu mandato de oito anos Clinton conseguiu diminuir o déficit fiscal de duzentos e noventa bilhões de dólares para um superávit de cento em vinte e quatro bilhões de dólares. Os principais gastos do governo americano foram com a defesa nacional. O orçamento da defesa ultrapassou os investimentos em educação, cultura, treinamento, emprego e serviços sociais, agricultura, recursos naturais, ciência (incluindo pesquisa espacial) e energia. A administração de Clinton se dedicou a fazer acordos comerciais abrindo muitos mercados para produtos norte-americanos.

¹⁸ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

Para o Brasil no período do governo Clinton, um dos acordos firmados de grande relevância foi a implantação do sistema de vigilância da Amazônia (SIVAM). Porém, com todos os progressos econômicos, Clinton não conseguiu aprovar a ALCA.¹⁹

1.8 Política de Clinton

O governo norte-americano fez esforços para avançar no processo de paz na Palestina incentivando os Acordos de Oslo. Durante o governo de Clinton a OTAN passou de uma aliança militar defensiva que tinha objetivo de proteger o território europeu para uma aliança ofensiva efetuando ataques além de seu território como ocorreu no Kosovo.

Dentro dos EUA Clinton foi criticado pelo setor industrial-militar por ser muito prudente contrariando os interesses dos estados do *sunbelt* (Texas, Missouri, Florida, Maryland e Virgínia) que eram especializados em armamentos de tecnologia intensiva interessada em testá-las em uma guerra real. O pentágono também se sentiu contrariado, pois necessitava de esvaziar os seus arsenais para fazer novas encomendas e gerar dividendos. Os *neocons* participaram da pressão sobre Clinton e defendiam que havia a necessidade de uma guerra para dominar o Iraque e o Oriente Médio.²⁰

1.9 A eleição de George W. Bush

George W. Bush governador do Texas, um dos estados do *sunbelt* não contentes com a política externa de Clinton, surgiu como candidato à presidência do governo norte-americano. Filho do ex-presidente George H. Bush gastou para sua indicação enormes quantias jamais gastas por seus precedentes estima-se que seriam por volta de sessenta e sete milhões de dólares.

Para conseguir ganhar a eleição George W. Bush usou de um golpe judicial em uma eleição fechada e controversa. Bush havia recebido cerca de quinhentos mil votos a menos, mas no golpe judicial a suprema corte dos EUA decidiu por cinco votos a quatro validar a irregular apuração de votos na florida.

A eleição de George W. Bush foi considerado por alguns americanos como um golpe de Estado. Pouco antes das eleições as regras para escolher os delegados do colégio eleitoral na Florida foram alteradas pouco antes do pleito. A reforma aprovada excluiu milhares de eleitores da lista de votantes, em sua maioria eram negros. Essa

¹⁹ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

²⁰ Idem

reforma prejudicou enormemente o concorrente de Bush, Al Gore, que tinha cerca de noventa por cento dos votos de negros no estado da Florida.

Além disso, a reforma incluiu a lista dos ausentes que valida o voto por correspondência em que a maioria são militares em serviço que vivem fora dos EUA e que em sua maioria são simpatizantes do partido republicano do a candidato Bush. Houve também denúncias de que a cédula de voto foi desenvolvida por um participante do partido republicano em que induzia ao erro os eleitores (na maioria candidatos idosos) e favorecia o candidato Bush.

Na suprema corte Bush tinha juízes que tinham sido indicados por presidentes do seu partido em mandatos anteriores. Além de um juiz que participava da fundação *Heritage* que era conhecida como conservadora e simpatizante do partido republicano.

Apesar do candidato Al Gore ter conseguido a maioria dos votos em todos os Estados, com a exceção da Florida, e ter conseguido a maioria dos votos colegiados não foi suficiente para ser eleito. Curiosamente até no estado no qual era governador Bush não conseguiu a maioria dos votos. A revista *Forbes* publicou uma notícia afirmando que o sucesso da eleição de Bush foi, em grande parte, de responsabilidade de um fundo de investimento chamado *Carlyle Group*. Este grupo possui participação em vários setores produtores incluindo a produção de armas e suprimentos militares uma das empresas controladas é a *United Defense*. Por fim apenas os votos da Flórida garantiram um mandato de quatro anos a George W. Bush na presidência.²¹

1.10 Início do governo Bush

Durante a posse de Bush em Washington, vinte e um mil manifestantes foram às ruas gritar “viva o ladrão”. Bush não completou o tradicional percurso a pé nos últimos quarteirões até chegar ao capitólio.

No início da gestão, Bush praticamente não fez nada e parte da mídia o transformou em um ícone de gozação chamando-o de preguiçoso, bobo, incompetente e até de boneco de ventríloquo de Dick Cheney. Outros mais ofensivos chegaram a afirmar que ele continuava o mesmo Bush da faculdade, alcoólatra e baderneiro.²²

No meio internacional Bush tomou medidas radicais gerando desconfiança por parte de outros Estados. Retirou o apoio ao Tribunal Criminal Internacional que havia recebido a assinatura do presidente anterior Clinton. Pouco depois recusou a assinatura

²¹ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

²² George Bush, uma fraude no poder.
[HTTP://www.novae.inf.br/site/modules.php?name=Conteudo&pid=550](http://www.novae.inf.br/site/modules.php?name=Conteudo&pid=550) Acessado em maio de 2010

do protocolo de Kyoto. E abandonou o tratado de mísseis anti-balísticos e voltou atrás na campanha de dez anos para a eliminação de minas terrestres. Levando preocupação para outros países. Essas ações deixaram claro o caráter militarista da política externa de George W. Bush e deixou exposta a intenção de ação unilateral por parte dos EUA.

Como equipe Bush selecionou os criadores do *Project for the New American Century*, eram eles: Donald Rumsfeld, Paul Wolfowitz, John Bolton, Robert B. Zoellick, Abram Shulsky, Richard Perle, Elliot Abrams além dos escritores Robert Kagan e William Kristol. Todos eles eram conhecidos como fundamentalistas judeus e cristãos evangélicos comprometidos com as indústrias petrolíferas e militares. Além de serem alinhados com a extrema direita do partido Republicano com vínculos ao Likud de Israel (partido de direita conservador).²³

1.11 George W. Bush

A família de Bush construiu uma base de poder ao longo da Guerra Fria no meio industrial-militar com a associação as comunidades de inteligência e de segurança nacional. Como sua família George W. Bush era um homem ligado ao setor petrolífero, fundou sua primeira companhia no ramo em por volta de 1978, chamada de Arbusto Energy.

George W. Bush tinha participação em várias empresas petrolíferas e de defesa tal como a Enron. Dick Cheney que após ser secretário de defesa no governo de George H. Bush se tornou presidente da Halliburton (empresa do ramo de construção e de defesa) permanecendo no cargo até ser eleito vice-presidente de George W. Bush no período de 2001-2009. A esposa de Cheney, Lynn Cheney, foi diretora e vice-presidente da Lockheed Martin empresa com atuação em um setor semelhante à Halliburton.²⁴

Seu pai George H. Bush após seu mandato na presidência tornara-se presidente do grupo Carlyle que tinha também como membros a família real da Arábia Saudita. Após a Guerra do Golfo o grupo Carlyle ficou responsável por construir bases militares dos EUA na Arábia Saudita e também pela reconstrução do Kuwait.

O grupo Carlyle se especializou em comprar ações em baixa para lucrar depois que as empresas fechavam negócio com o governo. Essa grande capacidade se deu principalmente por causa influência política que o grupo tem em Washington. Em 1990, George W. Bush foi designado para o conselho de administração de uma empresa que o

²³ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

²⁴ Idem

grupo Carlyle era responsável. A empresa atuava no fornecimento de alimentos para linhas aéreas, porém Bush abandonou o cargo para ser governador do Texas em 1992.²⁵

1.12 O ataque ao World Trade Center

Em 11 de setembro de 2001, nove meses após o início do governo de George W. Bush são seqüestrados quatro aviões comerciais. Dois deles atingem as Torres Gêmeas em Nova York. Um terceiro avião foi direcionado para uma colisão com o pentágono e o quarto que deveria atingir o capitólio caiu em um campo da Pensilvânia. Os ataques suicidas, posteriormente, foram atribuídos a organização islâmica Al-Qaeda.

Como resultado dos ataques 2.993 pessoas morreram, fora a destruição das torres gêmeas com 110 andares cada, cinco edifícios do complexo World Trade Center, quatro estações do metro de Nova York e a igreja ortodoxa cristã São Nicolau e uma seção inteira do edifício do pentágono foi pelo fogo e o impacto do avião.²⁶

O índice bolsa NASDAQ não abriu durante todo dia do ataque e permaneceu fechado até o dia 17 daquele mês. Na reabertura dos mercados o índice Dow Jones caiu 7,1 % chegando a queda de 14,3 % no fim de semana. A economia de Manhattan foi devastada e um terço do solo dos escritórios foi destruído.

Em resposta aos ataques o presidente George W. Bush iniciou uma guerra contra um inimigo abstrato e disperso. É disperso e abstrato porque não é um Estado com território e soberania e por ser uma rede multinacional com adeptos em várias partes do mundo. Além de seus membros serem de diversas nacionalidades, mas que em grande maioria são islâmicos. A guerra foi chamada de guerra contra o terrorismo.

Em 7 de outubro de 2001, os EUA junto com a Grã-Bretanha começaram a bombardear o Afeganistão com aviões voando em altas altitudes. Os alvos foram os campos de treinamento e instalações da Al-Qaeda no Afeganistão além de alvos civis. Os Ataques mataram aproximadamente cinco mil civis afegãos quase o dobro de pessoas mortas nos atentados de 11 de setembro.

Um ano depois dos ataques de setembro de 2001, o governo de Bush publicou um documento que tinha os princípios de como seria a política externa dos EUA. O documento periódico *The National Security Strategy*.²⁷

²⁵ BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira. pp 481 - 637

²⁶ Idem

²⁷ Idem

2.O Realismo

2.1 O Realismo

O realismo inicia academicamente no século XX, porém pesquisadores das relações internacionais se inspiram em conceitos usados em obras publicadas também em séculos anteriores. Como exemplo é possível apontar autores como Tucídides, Maquiavel e Hobbes. Autores que têm abordagem destacada para a corrente realista.

Com Tucídides²⁸ encontramos o conceito da anarquia internacional. É fundamentado no argumento de que, no mundo, os poderosos fazem o que querem e os fracos aceitam o que têm de aceitar. O medo de não existir ou deixar de existir leva os Estados a entrarem em guerras.

Com Maquiavel²⁹ são conhecidos conceitos como a ênfase na sobrevivência do Estado como ator e o uso da balança de poder. Maquiavel, também, se preocupava em estudar o mundo real e não em como o mundo deveria ser. Para Maquiavel, as decisões não devem ser tomadas com caráter provido de moral e ética comum, pois a política possui uma ética e uma moral própria. Portanto é destacado nos estudos das relações internacionais que os Chefes de Estado não devem tomar decisões baseadas simplesmente em aspectos morais.

Com Hobbes³⁰ os realistas consideram o conceito de estado de natureza comparado ao estado de anarquia do sistema internacional por não haver um soberano com o monopólio da força.

Portanto os conceitos destacados são a sobrevivência, o poder, o medo e a anarquia internacional. Todos estes elementos são usados por causa da natureza do ser humano que são vistos como medrosos, ambiciosos e prestígio.

Os pesquisadores da corrente realista também destacam que para estudar as relações internacionais deve-se preocupar somente com o que acontece entre os Estados e ignorar o que acontece dentro deles. Afinal relações internacionais são entre Estados e não dentro do Estado.

Para alguns desses pesquisadores o poder é um objetivo com um fim em si mesmo, ou seja, não existe limite para a quantidade de poder que o Estado deve

²⁸ NOGUEIRA, João Pontes.; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.pp 22.

²⁹ Idem

³⁰ Idem

adquirir. Para outros, o que realmente tem relevância para o estudo das relações internacionais é o equilíbrio de poder.

2.2 O realismo clássico

Edward Hallet Carr com sua obra *Vinte Anos de Crise 1919-1939* apresenta o “debate” entre realistas e idealistas, apesar de parecer muito mais críticas do realismo ao idealismo foi chamado de debate, defendeu que a política externa deveria reconhecer as influências mútuas entre poder e moral; Força e diplomacia.

Carr continua com outros pontos do realismo. Um defende que a teoria não cria a prática, mas a prática é quem cria a teoria. Outro é que a política não é função da ética e sim a ética é função da política. Portanto a moral é produto do poder.

Com Hans Morgenthau e sua obra *Política entre as nações* o realismo toma contornos de uma obra com moldes da ciência natural. Morgenthau forma princípios que exercem o mesmo valor da lei da gravidade para a física esses princípios exercem para o estudo das relações internacionais. Morgenthau pode ser visto como um positivista por ver a história como uma sequência de causa e efeito associado à ciência natural.

Morgenthau também afirma que a história deve ser considerada uma sequência de causa e efeito que se pode entender através do esforço intelectual. Uma característica típica do positivismo que tenta estabelecer relações mecânicas que se repetem durante a história.³¹

O primeiro princípio afirma que a política, assim como a sociedade, é governada por leis objetivas que refletem a natureza do ser humano. Essas leis objetivas devem ser vistas como algo que se repete e que não pode ser mudado. A razão seria o meio de avaliação entre uma teoria verdadeira e uma opinião.

O segundo princípio afirma que o objetivo de todos os Estados é conseguir poder e que os Estados agem de forma racional para aumentarem o seu poder. Afirma também ser capaz de prever a ação ou decisão de um político pela vontade natural de ganho de poder do ator. O objetivo da teoria é de julgar, ou analisar, as qualidades políticas do intelecto, da vontade e da ação. Mas deve-se excluir da análise, ou julgamento, realista a ideologia e os motivos que levaram a decisão do ator político.

O terceiro princípio afirma que poder é um conceito universalmente reconhecido e que deve ser definido de acordo com o ambiente estudado. Apresenta que os interesses em poder são os objetos determinantes nas ações dos homens e que, portanto, seria

³¹ MORGENTHAU, Hans J. **A Política Entre as Nações** A luta pelo poder e pela paz. Brasília: UNB, 2003.

necessário definir todo interesse em forma de poder. Essa definição incluiria todas as formas de dominação de um homem sobre o outro. Entretanto é importante lembrar que poder pode ter vários significados, mas que o objetivo dos Estados não muda e será sempre o mesmo: aumentar o poder.

O quarto princípio afirma a relevância dos princípios morais na execução da política, mas que seu limite é a prudência. Quando for agir na política o estadista deve garantir que a moral não afete os interesses nacionais e de segurança.

O quinto princípio afirma que os princípios morais não podem ser aplicados em todo o mundo, pois se caracterizam como interesses particulares não aceitos em todos os lugares.

O sexto princípio afirma que a política deve ser estudada de forma separada de outras esferas, como a jurídica ou religiosa. Pois a esfera política tem suas características específicas e para ser estudada. Deve-se isolar a área política da moral, econômica ou legal.³²

Ainda para Morgenthau, o Estado define o interesse nacional que pode ser traduzido em poder. Como o Estado vive em um ambiente anárquico o estadista tem apenas três opções de ação: manter o poder, aumentar o poder ou demonstrar poder. Cada ação tem um objetivo, na manutenção o Estado não age necessariamente para manter tudo estável, mas sim de forma a manter o seu poder independente dos movimentos que sejam necessários. A expansão pode ter alcance local, regional ou até global, sendo resultado da vitória de uma guerra ou da fraqueza de outro Estado.

Por fim, a demonstração de poder pode ser feita de duas formas uma pelo uso da diplomacia e outro pelo uso da força, sendo que o ápice é apenas quando o uso real da força se torna desnecessária e a simples ameaça é suficiente para atingir o seu objetivo.

2.3 Conceitos do pensamento realista contemporâneo

Os conceitos comuns nos autores da corrente realista são as formas como o Estado, a sobrevivência, o poder e a auto-ajuda são vistos. O Estado é o ator principal nas relações internacionais em que as principais funções são as de manter a paz dentro das fronteiras e manter a segurança de seus cidadãos em relação às agressões externas. O Estado é visto também como um ator unitário e racional. A racionalidade é a defesa do interesse nacional procurando atingir as metas com o menor esforço e com maior benefício.

³² MORGENTHAU, Hans J. **A Política Entre as Nações** A luta pelo poder e pela paz. Brasília: UNB, 2003. PP 4 - 28

Portanto os Estados vivem em duas realidades distintas: a interna e a externa. Na interna o Estado tem o uso legítimo da força e autoridade para impor decisões. Na externa o Estado não tem legitimidade para tomar decisões e a sua única alternativa de ação é tentar manter sua existência.

A anarquia não é vista como o caos. É apenas como a ausência de um poder supremo que possa ditar as regras e punir quem não obedece. A anarquia é vista dessa forma por causa da ausência do poder acima do Estado que é a realidade externa. Contudo essa anarquia é um ambiente onde os Estados lutam para manterem sua existência e sempre de desconfiam uns dos outros. Porém não acreditam que seja possível a criação de um poder supremo por que esse poder significaria o fim da existência dos Estados, motivo pelo qual lutam para sobreviver.³³

A sobrevivência do cidadão dentro de um Estado é vinculada a existência de segurança suficiente do Estado. Portanto o Estado deve ter segurança tanto interna quanto externa para ser capaz de manter o indivíduo vivo e protegê-lo de ataques que ameacem sua existência. Nesse ponto a interpretação das obras de Maquiavel é fundamental por afirmarem que a ética deve ser usada para a segurança do Estado, ignorando possíveis constrangimentos morais que suas ações exerçam.³⁴

O poder é o principal elemento de análise da corrente realista. A definição de poder diverge bastante entre os autores. As formas mais comuns de como o poder são militar, econômico, político e tecnológico. Há também a definição de poder relativo que é uma definição de poder antes mencionada comparada entre dois Estados que competem entre si. Portanto o aumento de poder de um Estado seria percebido pelo outro como uma ameaça a sua existência levando a guerra.³⁵

Para outros atores o poder é visto como uma forma de influenciar mais a decisão de outros atores do que sofrer influência na tomada de sua decisão. Para Morgenthau o objetivo dessa influência seria a manutenção do *status quo* e para Waltz o objetivo seria uma forma de garantir a segurança e a sobrevivência.

O equilíbrio de poder é um conceito associado ao poder como pode-se presumir. A maneira como os Estados equilibrariam o poder seria próximo a um sistema bipolar onde existem apenas duas opções para os Estados que são: alinhar-se com o poder e ficar contra o poder. O principal argumento no momento do alinhamento ao poder é de que seus interesses nacionais seriam melhores defendidos ao se alinharem com o poder. Quando os Estados não se alinham ao poder o argumento usado é de que os interesses

³³ NOGUEIRA, João Pontes.; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.pp 26 - 32

³⁴ Idem

³⁵ Idem

dos Estados seriam ameaçados pelo poder e se alinhariam com outros Estados na tentativa de equilibrar o poder³⁶. Essas ações dos Estados de alinhamento com uns Estados e distanciamento de outros pode ser chamada também de distribuição de poder.³⁷

Segundo Waltz a distribuição de poder existiria apenas de duas formas que seriam a bipolar (onde duas potências dominam o sistema internacional) e a multipolar (onde mais de duas potências dominam o sistema internacional). Portanto um sistema unipolar não é possível, pois os Estados seriam egoístas e não abririam mão de sua soberania para aceitar um poder central. As mesmas regras aplicadas para o sistema bipolar também são aplicadas para o sistema multipolar.

A Auto-Ajuda é um elemento que os realistas afirmam que nenhum Estado pode confiar sua existência ou sua segurança em outro Estado, ou seja, o Estado pode até estabelecer alianças fazer parcerias, mas só pode confiar em si mesmo para se proteger. Portanto pactos e acordos sobre defesa podem ser quebrados se forem contra o interesse do Estado ou ameace sua existência.³⁸

2.4 A crítica de Carr ao realismo

Na mesma obra na qual Carr escreve sobre os fundamentos do realismo ele coloca também uma crítica ao realismo ou apresenta as limitações de uma análise realista. Segundo Carr o realismo não conseguiria se justificar adotando os próprios princípios.

Portanto o realismo é limitado por ser muito rígido e não apresentar a opção de mudança em como é feita as relações políticas. Por partir do ponto que defende que o poder sempre será o objetivo dos atores de que alguns fatos são inalteráveis ou irreversíveis.

O que no fundo acaba deixando a sensação de ausência de vontade para mudar o que existe, mudar a realidade ou resistir a ela. Na análise realista faltam quatro pontos

³⁶ O realismo não define uma única forma específica poder. Entretanto é possível notar que alguns autores quando se referem ao poder se remetem ao poder militar, econômico ou político. Essa variação, geralmente, se dá devido ao tema que está sendo abordado.

³⁷ NOGUEIRA, João Pontes.; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.pp 26 - 32.

³⁸ Idem

essenciais que são: objetivo finito, apelo emocional, direito de julgamento moral e campo de ação.³⁹

Por fim Carr conclui que o ideal de um pensamento político deve ser composto de elementos realistas⁴⁰ e utópicos. Uma vez que uma utopia é desmanchada com as armas realistas ainda é necessário que se crie uma nova utopia para os que a desmancharam que um dia também será desmanchada pelos mesmos argumentos realistas. "Toda situação política contém elementos mutuamente incompatíveis de utopia e realidade, de moral e poder."

2.5 Teorias Críticas

As teorias críticas atacam de diversas formas os pilares do realismo, principalmente os princípios que Morgenthau estabelece para a política internacional. Dentre diversas é possível citar a crítica a falta de contexto que a teoria realista apregoa. Ao esvaziar uma análise de todo o seu contexto histórico é o mesmo que esvaziar de sentido e objetivo as decisões tomadas.

Nas teorias críticas aparece a crítica sobre o positivismo que defende que a história é feita de causa e efeito escondendo das pessoas as construções sociais, os conceitos e os pré-conceitos criados que escondem os verdadeiros objetivos de um ponto de vista tentando se passar por universal.⁴¹

2.6 Crítica de Robert Cox

Dentre as diversas críticas ao realismo existem as críticas de como o Estado é visto, apontado por Robert Cox. Segundo ele "Toda teoria é para algo e para alguém". As teorias devem ser sempre vistas de acordo com o ambiente em que são criadas e não podem ser aplicadas universalmente.

Cox crítica também a forma como o realismo reconhece o Estado como algo unitário. De acordo com Cox o Estado deveria ser visto como um complexo incluindo diversas esferas como sociedade civil, Estado ou governo.

³⁹ CARR, Edward Hallett. **Vinte Anos de Crise** : 1919 – 1939 Uma introdução ao estudo das relações internacionais. Brasília: UNB, 1981. PP 117-123

⁴⁰ Realista nesse caso deve ser interpretado como o uso de fatos ou consensos na análise ao invés de serem considerados os princípios realistas de Morgenthau.

⁴¹ NOGUEIRA, João Pontes.; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.pp 132-160

Ainda com Cox é feita a crítica a separação entre economia, política e moral. Pontos que aparecem no sexto princípio de Morgenthau. Essa separação não seria possível ser feita porque não tem como encontrar um homem puramente político, moral ou econômico, para analisar como este homem agiria dentro de tal ambiente.

E por fim com Cox faz uma crítica que seria mais direcionada para o positivismo. Ele afirma que não é possível estudar objetivamente a realidade estabelecendo padrões de causa e efeito.⁴²

2.7 Crítica de J. Ann Tickner

Tickner é uma pesquisadora do campo das relações internacionais e professora da Universidade do Sul da Califórnia em Los Angeles. O principal foco de pesquisa dela são as perspectivas feministas da área. Tickner faz diversas críticas aos princípios do realismo criados por Morgenthau e também a forma positivista de se pensar as relações internacionais.

Em grande parte Tickner e as teorias feministas afirmam que as teorias dominantes de relações internacionais possuem esse predomínio por representarem o status social de seus autores além de acusar os métodos positivistas de obscurecerem a construção social sobre como o é feito o conhecimento da política.

Na crítica aos princípios realistas de Morgenthau, Tickner afirma que no primeiro princípio a objetividade das leis é associada a masculinidade e que a natureza humana é uma visão parcial além de conter elementos de reprodução social.

No segundo princípio Tickner defende que o interesse nacional não deve ser definido somente em termos de poder que é associado a dominação. Para Tickner o interesse nacional possui diversos aspectos e contextualizações.

No terceiro princípio Tickner argumenta que poder associado a dominação não é universalmente reconhecido e que privilegiaria uma visão masculina além de ignorar uma autorização coletiva.

No quarto princípio Tickner acredita não ser possível separar o aspecto moral da decisão política. Afirma que toda ação política tem significado moral e que o realismo prioriza o aspecto moral e não se preocupa com a justiça e satisfação de necessidades básicas que garantem a reprodução social.

⁴² NOGUEIRA, João Pontes.; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.pp 132 - 160

No quinto princípio Tickner reconhece que os interesses morais específicos de uma nação não devem ser tratados como universais. Mas que os interesses morais humanos comuns devem ser pesquisados para se criar uma comunidade internacional.

E por fim, no sexto princípio Tickner afirma que em uma perspectiva feminista deve negar a autonomia do estudo da política por ser associada com uma visão da cultura ocidental masculina. Na qual não se baseia em uma concepção pluralista excluindo a contribuição das mulheres.⁴³

2.8 Outras Críticas

Ainda com as críticas é possível citar a crítica de como o Estado como ator racional é visto no realismo. De acordo com essa crítica a ação racional não é única e universal como Morgenthau assume que é objetivo do Estado aumentar o poder e considera o poder associado a dominação. Para cada ator é possível ter uma razão e uma forma racional de ação. Podem existir ações racionais que ao invés de serem baseadas em dominação seriam baseadas na vontade de ajudar o outro. Portanto não é possível padronizar a análise sobre a ação racional.

Outra crítica ao realismo, essa já mais associada ao positivismo, defende o estudo da realidade como um objeto. O problema de se adotar uma abordagem como essa é que não é possível separar o pesquisador do objeto a ser analisado. Portanto a análise não seria imparcial e sempre carregaria um ponto de vista do pesquisador porque ele estaria inserido na própria realidade estudada e não seria imparcial suficiente para criar conhecimento objetivo.

No realismo Morgenthau defende no primeiro princípio que a sociedade é governada por leis objetivas. Muitas críticas são feitas nesse ponto porque a sociedade não teria tais leis como são na ciência natural. O exemplo mais comum para essa crítica é a da diferença entre a lei da gravidade e uma lei da natureza do homem. A lei da gravidade sempre agirá da mesma forma logo é possível estabelecer causa e efeito na realidade. Nas ações humanas a natureza do homem vista como uma lei nem sempre se repete e não é possível estabelecer uma sequência de causa e efeito.

Estado visto como um ator natural no sistema internacional que agiria segundo a natureza humana por ser dirigido por seres humanos é questionado por que os Estados não são naturais. Portanto essa relação direta entre natureza humana adotada e a ação institucional do Estado não seriam exatamente diretos. Os Estados são construções sociais, são instituições conjunto de idéias e não precisam lutar por sua sobrevivência.

⁴³ TICKNER, J. Ann. (2005). *A critique of Morgenthau's principles of political realism*.

Os Estados não agem de forma natural como os homens que tem sua natureza polêmica e controversa. Estados agem de acordo com interesses e não precisam lutar pela sobrevivência como os humanos precisam. Esse é um grande ponto de diferença já que segundo Morgenthau o interesse é sempre definido em poder que é associado a dominação.

Outra crítica é que homens existem materialmente e os Estados não, pois são idéias e não existem materialmente. Não é possível encontrar um Estado caminhando pela rua. Um Estado não luta pela sua sobrevivência quem luta pela sobrevivência do Estado são os homens. Não é possível matar idéias e as idéias não lutam pela sua sobrevivência.

3. O *National Security Strategy* de 2002

O objetivo desse capítulo será identificar idéias ou conceitos de política externa no *National Security Strategy* 2002 e/ou idéias que afetem de alguma forma a política externa norte americana.

3.1 Definição do *National Security Strategy*

O *National Security Strategy* é um documento feito pelo poder executivo dos Estados Unidos direcionado ao congresso norte americano. O *National Security Strategy* tem como objetivo apresentar os principais interesses, resumidamente, do Estado norte americano e como a administração pública pretende agir.

O *National Security Strategy* também tem como papel servir como fonte para a elaboração de outros documentos produzidos pelo governo norte americano como, por exemplo, o *National Military Strategy*.

O *National Security Strategy* 2002 foi redigido um ano depois dos ataques às torres gêmeas de Nova York. Em meio a várias críticas vindas da imprensa ao governo do presidente em exercício, George W. Bush.

No *National Security Strategy* 2002 foram feitas diversas críticas sobre a idéia de se fazer guerras de forma preventiva para antecipar⁴⁴ um possível ataque de algum inimigo aos Estados Unidos. É também apontado que o documento carrega uma noção de superioridade militar que existia em um documento produzido anteriormente conhecido como *Defense Planning Guidance*. Feito pela secretaria de defesa liderada por Dick Cheney em 1992.

Curiosamente Dick Cheney aparece durante a produção dos dois documentos no governo. No *Planning Guidance* de 1992, ele estava na secretaria de defesa e no *National Security Strategy* de 2002 participa como vice-presidente de George W. Bush.

3.2 A introdução do *National Security Strategy* 2002

O *National Security Strategy* 2002 começa citando valores⁴⁵ americanos como liberdade, democracia e empreendedorismo. Afirma que o respeito a esses valores é o único meio sustentável para o sucesso nacional. Ainda defende que esses valores são certos e verdadeiros para todas as pessoas em qualquer sociedade, ou seja, são valores universais.

⁴⁴ No capítulo V do NSS 2002 fica clara a idéia de prevenção aos possíveis ataques.

⁴⁵ *National Security Strategy*. p 3

O *National Security Strategy* 2002 reconhece que os Estados Unidos vivem um ótimo e único momento econômico e de influência política. Argumenta que os Estados Unidos procurarão, entre outras iniciativas, alcançar o equilíbrio de poder nas relações internacionais preservando a paz e construindo boas relações com grandes poderes. Além de aumentar a paz pelo encorajamento da liberdade e abertura das sociedades em todos os continentes. Finalmente, defender a paz lutando contra tiranos e terroristas.

O *National Security Strategy* 2002 afirma que o momento vivido hoje no mundo é único, desde a construção do sistema internacional de Estados no século dezessete. Pois as grandes potências concorrem em paz ao invés de manterem-se constantemente preparadas para a guerra. E cita como a democracia, a liberdade e o livre mercado têm ganhado espaço na China e na Rússia, os quais são prováveis inimigos dos Estados Unidos.

No *National Security Strategy* 2002 há o pronunciamento de que os Estados Unidos se dedicaram a levar democracia, desenvolvimento e livres mercados para todos os cantos do globo. Além de anunciar que Estados fracos são também uma ameaça para os Estados Unidos.

Afirma que os Estados Unidos se dedicaram a criar um equilíbrio de poder que favoreça a liberdade, além de dizer que todas as nações que aproveitam a estabilidade internacional e a liberdade têm grandes responsabilidades como lutar contra o terrorismo e evitar a disseminação de armas de destruição em massa. E que os Estados Unidos respeitam alianças e acreditam em instituições multilaterais.

3.3 Uma visão geral sobre a estratégia internacional dos EUA⁴⁶

Neste ponto o *National Security Strategy* 2002 se dedica a repetir tudo dito antes na introdução sobre a dedicação dos EUA em defender a liberdade e a democracia. E afirma que as grandes ameaças aos EUA têm como principal fonte os Estados falidos. Argumenta que Estados conquistadores já não são grandes ameaças como foram antes.

No fim do capítulo o *National Security Strategy* resume quais são os objetivos para o progresso, sendo eles: Patrocinar a dignidade humana; Fortalecer alianças para o combate do terrorismo; Prevenir ataques aos EUA e seus aliados; Solução de conflitos regionais; Prevenir ameaças com armas de destruição em massa; Iniciar um novo período de crescimento econômico por meio da liberdade política e econômica; Abrir sociedades e construir a infra-estrutura da democracia; Desenvolver agendas de

⁴⁶ *National Security Strategy* pp 1 - 2

cooperação com outros centros de poder; Apresentar as novas oportunidades e desafios, do século XXI, para as instituições de segurança nacional dos EUA.⁴⁷

3.4 Grandes aspirações para dignidade humana⁴⁸

O segundo capítulo do *National Security Strategy* resume como os EUA agirão e afirma que essas ações serão baseadas em seus princípios. Portanto os EUA discursarão de forma honesta sobre demandas da dignidade humana que são inegociáveis usando o voto em instituições internacionais para avançar a liberdade.

Os EUA usarão seu auxílio exterior para recompensar e promover liberdade. Farão da liberdade e desenvolvimento democrático temas chaves nas relações bilaterais e procurará cooperação solidária com outras democracias enquanto pressionam outros estados que negam direitos humanos para um futuro melhor.

Por fim, dedicarão esforços especiais para promover a liberdade de consciência e religião se defendendo de governos repressivos.

Neste segundo capítulo do *National Security Strategy* há uma contradição em relação às teorias realistas principalmente em relação ao princípio ao quinto princípio de Morgenthau que afirma que valores morais não podem ser aplicados em todo o mundo. Isso porque a liberdade, a democracia e os direitos humanos carregam uma noção moral específica de quem os formulou que, neste caso, foram os próprios Estados Unidos os responsáveis por essa construção.⁴⁹

3.5 Fortalecendo alianças para derrotar o terrorismo global e trabalhar para prevenir ataque contra nós e nossos amigos⁵⁰

Nessa parte do documento é dedicada atenção para definir quem é ou são o(s) inimigo(s) dos EUA, e como esses inimigos deverão ser atacados. O documento afirma que os EUA estão em guerra contra uma organização terrorista de alcance global e que o inimigo não é uma religião, ideologia ou pessoa. Mas é sim o terrorismo premeditado, politicamente motivado para atingir inocentes. Neste trecho fica clara a construção de um novo inimigo que é o terrorismo, em substituição de um antigo que era o comunismo.

⁴⁷ *National Security Strategy* p 1

⁴⁸ *National Security Strategy* pp 3 - 4

⁴⁹ Idem

⁵⁰ *National Security Strategy* pp 5 - 8

Prevê que os EUA não farão concessões e não negociarão com terroristas. Os EUA não farão distinção entre terroristas e aqueles que lhes dão suporte. Portanto o tratamento será o mesmo para terroristas e seus aliados.

O plano para o ataque será por meio da destruição de células terroristas de alcance global por meio de ataque as suas lideranças, comandos, lideranças, controle, comunicações, material de suporte e suas finanças. Além de incentivar os parceiros regionais para atingir o objetivo e garantir que o Estado possua recursos militares, políticos e financeiros.

O foco imediato será organizações que possuem armas de destruição em massa. E afirma que os EUA não hesitarão em agir unilateralmente para se defenderem. Além de argumentar que os Estados patrocinadores do terrorismo serão compelidos a aceitar suas responsabilidades por tal ato.

Será feita uma guerra material contra os terroristas e também atacarão os terroristas de forma ideológica para que sejam vistos, pelos aliados e amigos, como os piratas, o genocídio e a escravidão são vistos no meio internacional. Os EUA suportarão governos moderados, principalmente no mundo islâmico, para que o terrorismo não ganhe espaço.

Afirma que a atual administração propôs a maior reforma na defesa desde a administração Truman. Criando diversas instituições de defesa nacional e reestruturando todo o setor além de incentivar a cooperação entre o setor público e o privado.

Por fim cita os benefícios internos para a população com a melhora na defesa que atingirão vários setores como o emergencial e o tráfego.

Já neste capítulo o foco de ataque aos terroristas poderia ser interpretado como uma forma de defesa aos cidadãos norte-americanos. Dessa forma se aproxima das teorias realistas que dizem que o foco do Estado é a defesa de seus cidadãos.⁵¹

3.6 Trabalhar com outros para solucionar conflitos regionais⁵²

O capítulo quatro começa afirmando que os EUA investiram tempo e recursos na construção de instituições e nas relações internacionais que possam ajudar a administrar crises locais quando emergirem. Os EUA deverão ser realistas para agir e ajudar aqueles com má vontade e que não estão preparados para se ajudarem. E que quando todos estiverem prontos os EUA agirão de forma decisiva. Esse termo realistas não se refere à corrente realista, mas ao modo de ação que se preocupa com a realidade.

⁵¹ *National Security Strategy* pp 5 - 8

⁵² *National Security Strategy* pp 9 - 12

Essa realidade é de que alguns Estados não possuem infra-estrutura para cumprir os interesses defendidos. E que no momento certo os Estados Unidos definirão o futuro dos conflitos regionais.

No conflito entre Israel e Palestina não poderá haver paz para ambas as partes sem que haja liberdade. A dedicação dos EUA será de se comprometer com uma Palestina livre, independente e com um governo que escute a voz de sua população e sirva a seu interesse.

Caso os palestinos abracem a democracia, o direito, o confronto à corrupção e a rejeição firme do terror. Os palestinos poderão contar com a ajuda e o suporte na criação de um Estado Palestino. Os EUA somente poderão desempenhar um papel importante apenas quando israelenses e palestinos resolverem seus conflitos e estiverem em paz. Este trecho está argumentando que os Estados Unidos apenas apoiarão os palestinos quando eles mudarem sua forma de organização social atual e adotarem a democracia.

No sul da Ásia os EUA se dedicaram para que a Índia e o Paquistão solucionem seus conflitos e que construam uma forte relação bilateral. As relações dos EUA com o Paquistão têm sido amortecidas com a decisão paquistanesa de aliar-se aos EUA na guerra contra o terror. Com a Índia tem se dedicado firmemente para transformar o grande potencial da Índia e torná-la um grande poder democrático no século XXI.

A Indonésia tem avançado corajosamente em direção a criação de uma sociedade democrática tolerando minorias étnicas, respeitando o direito e aceitando um mercado livre. Essa iniciativa da Indonésia que permite ações de assistência dos EUA fazerem a diferença.

No hemisfério oeste os EUA formarão coalizões flexíveis com Estados que dividem as mesmas prioridades particularmente com Brasil, México, Canadá, Chile e Colômbia. Juntos promoverão um hemisfério verdadeiramente democrático com avanços na integração em segurança, prosperidade, oportunidade e esperança.

OS EUA reconhecem que os conflitos regionais na América Latina são devidos aos traficantes e cartéis de drogas que podem ameaçar a segurança dos EUA. Portanto os EUA tem se dedicado a ajudar as nações andinas a ajustarem suas economias e seus direitos para derrotarem organizações terroristas e cessarem o suprimento de drogas aos EUA. Enquanto isso o governo dos EUA tomará medidas internas para reduzirem a demanda por essas drogas.

Na Colômbia os EUA reconhecem que existe uma ligação entre terroristas e grupos extremistas que ameaçam a segurança do Estado com o financiamento do tráfico de drogas. Portanto os EUA se dedicarão a ajudar a Colômbia na defesa de suas instituições democráticas para promover segurança a sua população.

Na África os EUA trabalharão para o crescimento próspero, liberdade e paz. Para isso os princípios e os valores americanos os guiarão até o resultado. Com os

parceiros europeus os EUA pretendem criar Estados mais fortes, o direito e reforçar as fronteiras porosas para evitara entrada de terroristas.

Os Estados que mais precisam de cuidados especiais são África do Sul, Kenia e Etiópia. São Estados que terão grandes impactos em suas vizinhanças. A coordenação com instituições nacionais e com aliados europeus será de fundamental importância.⁵³

3.7 Prevenir a ameaça dos inimigos dos EUA aos nossos aliados, aos amigos dos EUA com armas de destruição em massa e ao próprio EUA.⁵⁴

Nos anos da década de 1990 os EUA testemunharam o aparecimento de alguns pequenos e perigosos Estados. Esses Estados têm brutalizado seu próprio povo usando os recursos do Estado para o ganho pessoal dos líderes, não demonstram nenhum arrependimento ao violarem tratados e o direito internacional, ameaçam seus vizinhos, estão determinados a adquirirem armas de destruição em massa, têm patrocinado o terrorismo em todo o globo, rejeitam valores humanos básicos e tudo que é associado aos EUA.

Portanto os EUA deverão estar prontos para parar esses inimigos perigosos antes que eles possam ameaçar os EUA, seus amigos e seus aliados. A estratégia para combater as armas de destruição em massa será: Esforços proativos contra a proliferação. Equipar forças norte americanas e as forças dos amigos dos norte americanos para garantir o sucesso contra armas de destruição em massa; Prevenir que Estados perigosos e terroristas consigam ter acesso às armas de destruição em massa; Ações efetivas contra o uso de armas de destruição em massa. Sejam Estados ou terroristas;

Os EUA levaram quase uma década⁵⁵ para compreender a verdadeira natureza dessas ações dos Estados perigosos devido aos objetivos desses Estados. Os EUA não podem somente agirem de forma reativa como foi feita no passado. A natureza das armas não permite que os EUA somente reajam, pois os danos causados no primeiro ataque seriam de grande magnitude. Provavelmente este trecho se refere à forma como foi feita a política externa no governo anterior de Bill Clinton que durou oito anos.

No direito internacional um Estado somente pode atacar depois de sofrer um ataque. Alguns juristas dizem que a legitimidade de um ataque pode ser também por

⁵³ *National Security Strategy* pp 9 - 12

⁵⁴ *National Security Strategy* pp 13 - 16

⁵⁵ Provavelmente este trecho se refere à forma como foi feita a política externa no governo anterior de Bill Clinton que durou oito anos.

meio de um ataque iminente. Esse ataque iminente é geralmente visto como a mobilização do exército, marinha ou aeronáutica ao se preparar para um ataque.

É necessário adaptar o conceito de uma ameaça iminente para os dias de hoje com os novos objetivos e formas de ações. Hoje os terroristas não usam os meios convencionais para atacarem os EUA, pois sabem que não conseguiriam. Portanto agem aterrorizando por meio de armas de destruição em massa.

Terroristas não respeitam o direito internacional e atacam civis como foi demonstrado nos ataques de 11 de setembro de 2001. As perdas seriam muito maiores caso tivessem acesso às armas de destruição em massa.

Os EUA não usarão força contra todos os casos de ameaças e nem outras nações devem usar o pretexto de prevenção de ataques para atacar outras nações.

Os EUA sempre agirão de forma deliberada aceitando as consequências de nossas ações para construir uma melhor inteligência integrada para apresentar idéias precisas e a tempo. Coordenarão com aliados para reconhecer ameaças comuns. Continuarão a transformação das nossas forças armadas para garantir a rápida ação precisa.

O objetivo dos EUA será sempre eliminar uma ameaça específica e as nossas razões e força são claras e justas.⁵⁶

3.8 Iniciar uma nova era de crescimento global econômico por meio de mercados e trocas livres.⁵⁷

O retorno de um crescimento forte na Europa e no Japão é vital para a segurança dos EUA. Melhorar a estabilidade nos mercados emergentes é também uma chave para aumentar o crescimento econômico global. Os aumentos dos fluxos de investimentos permitirão que as economias em desenvolvimento aumentem a qualidade de vida de seus habitantes bem como diminuir a pobreza.

Os EUA se comprometerão em evitar crises financeiras e a melhor forma de evitar que isso ocorra é a prevenção. Portanto encorajaram o FMI para dedicar esforços na prevenção das crises econômicas⁵⁸.

⁵⁶ *National Security Strategy* pp 13 - 16

⁵⁷ *National Security Strategy* pp 17 - 20

⁵⁸ Ao fim do mandato do presidente George W. Bush aconteceu uma grande crise financeira nos Estados Unidos que tem apontada a sua origem em 2001, mesmo ano de sua eleição. Ao que parece, o comprometimento expresso não foi suficiente para evitar tal grave problema.

Para aumentar os mercados livres os EUA têm como estratégia pressionar iniciativas regionais e aumentar a quantidade de acordos bilaterais de livre comércio. Promover a conexão entre desenvolvimento e livres trocas. Reforçar o direito contra trocas desleais. Proteger o meio ambiente e os trabalhadores para melhorar as condições de trabalho e de trocas.

Reforçar a segurança energética por meio da expansão de recursos com nossos parceiros e aumentar a quantidade de fontes de energia. Além de trabalhar para aumentar a eficiência energética e diminuir a poluição.⁵⁹

3.9 Expandir o círculo de desenvolvimento abrindo sociedades e construindo a infra-estrutura da democracia⁶⁰

Incluir todos os pobres do mundo em círculo de desenvolvimento é uma das prioridades da política externa dos EUA. O objetivo dessa administração é de estimular a produção individual de cada nação para ter crescimento sustentado e a diminuição da pobreza.

Para atingir esses objetivos a estratégia será de prover recursos para os Estados que enfrentam o desafio da reforma nacional. Melhorar a eficiência do banco mundial para aumentar a capacidade da melhora dos padrões de vida. Insistir em medidas quantitativas para garantir que a vida dos mais pobres está de fato melhorando.

Aumentar a quantidade de assistência ao desenvolvimento que deverá ser provida por meio de auxílio ao invés de empréstimos. Abrir sociedades para o comércio e o investimento. Garantir a segurança da saúde em países que possuem vírus HIV, tuberculose e malária.

Dedicar se a educação, pois a literatura e os estudos são as bases do desenvolvimento e da democracia. Manter a assistência ao desenvolvimento da agricultura para o uso de novas tecnologias.⁶¹

3.10 Desenvolver agendas para ações de cooperação com outros grandes centros de poder global⁶²

⁵⁹ *National Security Strategy* pp 17 - 20

⁶⁰ *National Security Strategy* pp 21 - 24

⁶¹ *Idem*

⁶² *National Security Strategy* pp 25 - 28

Os ataques de 11 de setembro foram também um ataque a OTAN como foi reconhecido pelo artigo V de autodefesa. Como o principal objetivo da OTAN é a segurança coletiva, a OTAN deverá desenvolver novas estruturas e capacidades para desenvolver missões sob novas circunstâncias.

A aliança deverá ser capaz de responder sempre que os interesses forem ameaçados. Para atingir esse objetivo os Estados Unidos deverão expandir a quantidade de membros da OTAN; Garantir que as forças militares da OTAN tenham contribuições apropriadas para o combate; Desenvolver processos de planejamento para permitir que essas contribuições se tornem forças efetivamente multinacionais; Aproveitar avanços tecnológicos da economia em larga escala para transformar a OTAN para que possa dominar potenciais agressores e diminuir as vulnerabilidades; Aperfeiçoar o comando das estruturas para apresentar novas configurações das forças; Manter a habilidade de trabalhar e lutar como aliados mesmo que seja necessário equilibrar e modernizar as forças armadas.

Para aprimorar aliança dos Estados Unidos na Ásia, o governo manterá forças na região que reflitam os comprometimentos com os aliados em um ambiente estratégico.

Com a Rússia os Estados Unidos têm construído novas estratégias de aliança e relacionamento baseadas na realidade de que os EUA e a Rússia já não são mais adversários estratégicos.

Com a Índia os Estados Unidos têm o interesse comum de manter um fluxo de comércio livre e dividimos o interesse em lutar contra o terrorismo para a criação de uma estratégia Ásia.

O relacionamento com a China tem um aspecto importante de promoção da paz, estabilidade e prosperidade na Ásia. O desenvolvimento democrático da China é crucial para esse futuro.⁶³

3.11 Transformar as instituições de segurança norte americanas para que conheçam os desafios e as oportunidades do século XXI⁶⁴

É tempo de reafirmar a força militar americana. Devemos construir e manter nossas defesas além dos desafios. A mais alta prioridade será defender os Estados Unidos.

Para atingir esse objetivo nossos militares deverão assegurar aos aliados e aos amigos a dissuasão futura de competições militares. Impedir futuras competições

⁶³ *National Security Strategy* pp 25 - 28

⁶⁴ *National Security Strategy* pp 29 - 31

militares. Deter ameaças contra os interesses dos aliados e amigos dos Estados Unidos. Além de derrotar decisivamente qualquer adversário que a dissuasão falhar.

A força militar incomparável das forças armadas dos Estados Unidos e seu posicionamento avançado têm mantido a paz nas regiões vitais mais estratégicas do mundo.

De qualquer maneira, as ameaças e os inimigos que os Estados Unidos deverão enfrentar mudarão logo e as forças norte-americanas também precisarão mudar. A estrutura militar de contenção de Estados massivos da era da guerra fria (Estados comunistas) deverá mudar para a maneira de como o adversário dos Estados Unidos lutará e não onde e quando ele lutará.

A presença de forças militares dos Estados Unidos é um grande símbolo dos compromissos com os aliados e amigos. Com a boa vontade de usar a força militar não apenas em defesa dos Estados, mas na defesa de outros também. Portanto os Estados Unidos demonstrarão que estão decididos a manter um equilíbrio de poder que favoreça a liberdade.

Para isso os Estados Unidos precisarão de bases na Europa ocidental e norte da Ásia para uma organização de acesso temporário para a preparação de tropas de longa distância das forças armadas americanas.

Os Estados Unidos deverão se preparar para colocar mais tropas em combate desenvolvendo recursos como sensoriamento remoto. Aprimoramento da precisão de ataques de longa distância. Além de transformar as manobras das forças expedicionárias.

Nesse portfólio deverá ser incluída a habilidade de defender o território nacional, a condução das informações das operações, garantir o acesso a distantes campos de batalha e proteger infra-estrutura americana frágil na terra e no espaço.

A atual direção deverá também mudar como o Departamento de Defesa é administrado, principalmente na maneira como é o recrutamento, a retenção e os meios de financiamento.

As forças americanas serão fortes o suficiente para evitar que potenciais adversários alcancem ou igualem ao poder dos Estados Unidos. Os Estados Unidos deverão fortalecer a inteligência para prover segurança e integração com o território nacional.

Iniciativas na área da inteligência incluirão o fortalecimento da autoridade do Diretor Central de Inteligência para liderar e desenvolver ações. Promover um novo meio de ações para a nação e seus aliados. Desenvolver novos métodos de coleta de informação. Coletar informações contra os perigos terroristas.

Assim como os Estados Unidos dependem das forças armadas para defenderem seus interesses. Os Estados Unidos deverão depender da interação diplomática com outras nações. A guerra contra o terrorismo não representa um choque de civilizações. Na verdade revela um choque dentro de uma civilização. Uma batalha pelo futuro do mundo mulçumano. Essa é uma luta de idéias que deverá ser ganha pelos Estados Unidos.⁶⁵

Serão feitas escolhas difíceis nos próximos anos para garantir o nível certo de locação de recursos governamentais na segurança nacional.

3.12 Análise

O primeiro capítulo do *National Security Strategy* apresenta os objetivos bem próximos das idéias do realismo como: a prevenção de conflitos regionais e a prevenção de ataques aos EUA são fundamentais para a proteção dos cidadãos norte-americanos. O foco desse trecho é a segurança ponto muito relevante nas teorias realistas. Outro ponto que aparece neste capítulo é a forma de aumentar o poder dos EUA com a abertura das sociedades e o desenvolvimento das agendas de cooperação.

No segundo capítulo do *National Security Strategy* há uma contradição em relação às teorias realistas principalmente em relação ao princípio ao quinto princípio de Morgenthau que afirma que valores morais não podem ser aplicados em todo o mundo. Isso porque a liberdade, a democracia e os direitos humanos carregam uma noção moral específica de quem os formulou que, neste caso, foram os próprios Estados Unidos os responsáveis por essa construção.

Já no terceiro capítulo o foco de ataque aos terroristas poderia ser interpretado como uma forma de defesa aos cidadãos norte-americanos. Dessa forma se aproxima das teorias realistas que dizem que o foco do Estado é a defesa de seus cidadãos.

Ainda no terceiro capítulo do *National Security Strategy* existe um aspecto que merece destaque que é a guerra ideológica para construir a idéia do que significa o inimigo. O inimigo deve ser visto como assassino, pirata e genocida. Fica a impressão de que mesmo que o inimigo não tenha cometido tais atos ele deverá ter essa associação para que se consiga alcançar esta construção ideológica. O quarto capítulo traz uma lista de ações pontuais em cada região para que os EUA consigam diminuir as ameaças aos cidadãos norte-americanos e dessa forma conseguir maior segurança interna e externa. Ponto bem destacado na corrente realista.

O ponto importante no quinto capítulo é a tentativa de legitimação de uma futura reação aos ataques sofridos em 11 de setembro de 2001. Apesar de que em vários momentos a segurança interna aparece como ponto fundamental para a política externa,

⁶⁵ *National Security Strategy* p 30

o aspecto moral e de legitimidade não é abandonado como o quarto princípio de Morgenthau afirma.

Portanto este capítulo poderia ser considerado como realista, mas no seu fim aparece a idéia de justiça algo moral bem particular de uma sociedade que é rejeitado pela teoria realista.

Uma possível interpretação para o sexto capítulo, usando os conceitos realistas, seria um plano estratégico para aumentar o poder econômico dos Estados Unidos. Porém esse aumento de poder econômico tem como meta aumentar a cooperação comercial diferente da idéia realista que foca principalmente na competição entre os Estados.

No sétimo capítulo a abertura das economias de outros Estados seria uma forma de aumentar o poder dos Estados Unidos. Pois essa abertura seria importante para à entrada das corporações americanas para exploração de novos mercados e novas fontes de recursos. Logo essa estratégia está em sintonia com as teorias realistas, que afirmam que o objetivo dos Estados é o aumento de poder.

O oitavo capítulo poderia ser abordado como uma forma de aumento do poder dos Estados Unidos usando bases militares espalhadas pela maioria dos Estados que as políticas citam. Porém pode ser interpretado como um aumento de poder por meio da cooperação, outra vez, algo contraditório nas teorias realistas que focam na competição entre os Estados.

Por fim, o último capítulo do *National Security Strategy* carrega uma noção nova que está além das teorias realistas que focam na competição. Nessa parte do documento fica clara a noção de que os Estados Unidos são superiores em relação ao resto do mundo e que, portanto, são os responsáveis pela manutenção da ordem que é apontada como o equilíbrio de poder. Logo não existiria mais competição, pois os Estados Unidos ganharam a Guerra-Fria e seu único objetivo agora é a contenção de novos competidores e o combate, tanto material como de idéias, no mundo muçulmano.

Conclusão

O objetivo desse estudo é fazer uma análise com a seguinte questão: A política externa do presidente George W. Bush é baseada na corrente de pensamento realista da academia de relações internacionais?

A conclusão é de que depende do que significa ser realista, pois a corrente realista é muito ampla e acaba por inserir diversos autores que podem ter semelhanças em alguns aspectos, mas que em outros são completamente diferentes. Portanto a política externa de George W. Bush em alguns momentos se aproxima desses autores e em outros momentos se afasta.

Como exemplo é possível apontar que na introdução do *National Security Strategy* 2002 aparece a afirmação de que alguns valores norte-americanos são universais. Se considerarmos que uma parte dos autores realistas tem a tradição de criticar, por diversas vezes, que valores universais de fato não representam todos os indivíduos, mas que são tentativas de imposição de um ponto de vistas específico como é apontado no quinto princípio de Morgenthau. Poderíamos afirmar que a política externa de George W. Bush não é realista de acordo com os conceitos tradicionais e aqui apresentados. Entretanto pode ser uma nova interpretação das teorias realistas em relação ao novo contexto político vivido após a guerra fria.

Em outro momento no *National Security Strategy* 2002 aparece a preocupação e a afirmação de que o governo Bush tem dedicado grandes esforços com a defesa nacional. O que é um aspecto muito destacado pelos autores realistas, pois os Estados são egoístas e racionais logo se preocupam com sua defesa, independência e sua sobrevivência.

No *National Security Strategy* 2002 ainda é apresentada as melhorias que serão feitas nas áreas de transportes e saúde para seus cidadãos por causa da preocupação com a defesa nacional. Portanto é um argumento usado para justificar investimento em infraestrutura e melhoria do bem-estar social nacional.

Esse argumento para justificar os investimentos, acredito que, funciona como uma espécie de compra de apoio interno da população. Assim como outros governos fazem como, por exemplo, o Chavez atual presidente da Venezuela que tem adotado diversas políticas assistencialistas para conseguir apoio interno da população para se manter na liderança do Estado.

No capítulo 5 do *National Security Strategy* 2002 é apresentada outra idéia de investimento em defesa nacional avisando que os EUA aumentariam os equipamentos das forças armadas e também de seus aliados. E no fim afirma que seus objetivos são claros e justos.

Toda essa certeza deve ser destacada porque a justiça é algo bem subjetivo e depende do direito, da cultura e dos costumes de cada Estado reconhecer o que é justo. Portanto acredito que essa idéia carrega uma noção universal de justiça que foi muitas vezes criticada pelos autores realistas.

No último capítulo o *National Security Strategy* 2002 afirma que a grande prioridade do Estado será de construir defesas para superar os desafios para atingir a mais alta prioridade que é a defesa dos EUA. Voltamos outra vez para um foco das teorias realistas que é a individualidade do Estado com preocupação da sua própria defesa.

Então seguindo os princípios do realismo, escritos por Morgenthau, o planejamento apresentado no documento pode de alguma forma ser vista como realista com o objetivo de aumentar o poder dos Estados Unidos. Porém não há o cuidado com os efeitos da divulgação moral individual norte americana que não é aceito em todos os lugares.

Finalmente, o *National Security Strategy* 2002 tem uma grande ênfase na proteção dos Estados Unidos por meio do uso da força militar que se assemelha ao que as teorias realistas afirmam. Mas em outros pontos apresenta idéias americanas, argumentando serem universais, que muitos autores realistas criticam.

Portanto não acredito que a política externa do governo de George W. Bush tenha sido baseada somente em teorias realistas, pois apresenta uma identidade norte americana bem singular que as teorias realistas não citam.

Referências

National Security Strategy 2002. Disponível em: <http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/nsc/nss/2002/>. Acessado em: março, 2010.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A Formação do Império Americano**. São Paulo: Civilização Brasileira.

CARR, Edward Hallett. **Vinte Anos de Crise : 1919 – 1939** Uma introdução ao estudo das relações internacionais. Brasília: UnB, 1981.

JACKSON, Robert.; SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MORGENTHAU, Hans J. **A Política Entre as Nações** A luta pelo poder e pela paz. Brasília: UNB, 2003.

NOGUEIRA, João Pontes.; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

ROCHA, Antonio Jorge Ramalho. **Relações internacionais: Teorias e Agendas**. Brasília: IBRI, 2002.

TICKNER, J. Ann. (2005). **A critique of Morgenthau's principles of political realism**.

VAISSE, Maurice. **As relações internacionais desde 1945**. Lisboa: Edições 70, 1996.